

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

AGOSTO DE 1867

Nº 8

Fernanda

NOVELA ESPÍRITA

Tal é o título de um romance-folhetim, pelo Sr. Jules Doinel (d'Aurillac), publicado no *Moniteur du Cantal*, de 23 e 30 de maio, 6, 13 e 20 de junho de 1866. Como se vê, o nome do Espiritismo não está dissimulado, pelo que se deve cumprimentar tanto mais o autor por essa coragem de opinião, que é mais rara nos escritores de província, onde as influências contrárias exercem uma pressão maior do que em Paris.

Lamentamos que, depois de ter sido publicada em folhetins, forma sob a qual uma idéia se espalha mais facilmente nas massas, esta novela não tenha sido enfeixada em volume, e que os nossos leitores estejam privados do prazer de a adquirir. Embora seja uma obra sem pretensões e circunscrita num quadro muito pequeno, é um retrato verdadeiro e atraente das relações do mundo espiritual e do mundo corporal, que traz o seu contingente à vulgarização da idéia espírita, do ponto de vista sério e moral. Mostra os puros e nobres sentimentos que esta crença pode desenvolver no coração do homem, a serenidade que dá nas

aflições, pela certeza de um futuro que corresponde a todas as aspirações da alma e dando plena satisfação à razão. Para pintar essas aspirações com verdade, como o faz o autor, é preciso ter fé *naquilo que se diz*. Um escritor, para quem semelhante assunto não passasse de um quadro banal, sem convicção, acreditaria que para fazer Espiritismo bastaria associar o fanatismo, o maravilhoso e as aventuras estranhas, como certos pintores julgam ser suficiente espalhar cores vivas para fazer um quadro. O Espiritismo verdadeiro é simples; toca o coração e não fere a imaginação com marteladas. Foi o que compreendeu o autor.

O enredo de Fernanda é muito simples. Trata-se de uma jovem, ternamente amada por sua mãe, arrancada à flor da idade à sua ternura e ao amor de seu noivo, e que evidencia sua coragem manifestando-se à sua vista e ditando ao seu amado, que em breve deve reunir-se a ela, o quadro do mundo que o espera. Citaremos alguns dos pensamentos que aí notamos.

“Desde a aparição de Fernanda, eu me tornara um adepto resolutivo da ciência de além-túmulo. Por que, aliás, dela eu teria duvidado? Terá o homem o direito de marcar limites ao *pensamento* e dizer a Deus: Não irás mais longe?”

“Considerando que estamos perto dela e que pisamos uma terra que é santa, eu vou, meu caro amigo, falar-te com o coração aberto, tomando a Deus por testemunha da sinceridade de tudo quanto vais ouvir. Sei que crês nos Espíritos, e mais de uma vez me pediste para precisar tua crença sobre este ponto. Não o fiz e, é preciso dizê-lo, sem as manifestações estranhas que tiveste, jamais eu o teria feito. Meu amigo, creio que Deus deu a certas almas uma força de simpatia de tal modo grande que ela pode propagar-se às regiões desconhecidas da outra vida. É sobre este fundamento que repousa toda a minha doutrina. O charlatanismo e a hipocrisia de certos adeptos me fazem mal, porque não compreendo que se possa profanar uma coisa tão santa.”

“Oh! Stéphen Stany (o noivo) tinha muita razão de dizer que o charlatanismo e a hipocrisia profanam as coisas mais santas. A crença nos Espíritos deve tornar a alma serena; de onde vem, pois, que na obscuridade o menor ruído me apavore? Por vezes vi desenhar-se, na penumbra de minha alcova, quer o fantasma de Fernanda de Moeris, quer o perfil vago de minha mãe; a eles eu sorri. Mas, muitas vezes também, minha vista se desviou com pavor dos esgares de alguns Espíritos maus, aí vindos para me afastar do bem e me desviar de Deus.”

“Enquanto me falava, Stany estava calmo. Não notei em sua fisionomia nenhum traço de exaltação. Mas, perto dessa pedra, sua diafaneidade tornava-se ainda mais visível. A alma de meu amigo mostrava-se toda inteira ao meu olhar. Essa bela alma nada tinha a ocultar. Eu compreendia que o laço que o prendia ao corpo de lama era muito fraco, e que não estava longe a hora em que voaria para *o outro mundo*.”

“Ela me tinha dito: ‘Vai à casa de minha mãe’ – Isto me foi penoso, confesso-o; embora noivo de Fernanda, eu não estava muito bem com tua prima. Sabes quanto ela era ciumenta de todo aquele que retivesse uma parte da afeição de sua filha. Dir-te-ei que me recebeu de braços abertos e me disse, chorando: ‘Eu a reví!’ O gelo estava quebrado; nós íamos nos compreender pela primeira vez. – Meu caro Stéphen, acrescentou ela, creio ter sonhado! Mas, enfim, eu a reví, e eis o que me disse: ‘Mãe, pedirás a Stéphen Stany que fique oito dias no quarto que foi meu. Durante esse período, não permitirás que o incomodem. Durante esse retiro, Deus lhe revelará muitas coisas.’ – Conduziram-me imediatamente ao quarto de tua prima; e desde aquele mesmo dia até ontem, dia em que te reví, sua alma esteve ininterruptamente comigo. Eu a vi e vi muito bem, com os olhos do Espírito, e não com os olhos do meu corpo, embora estes estivessem abertos. Ela me falou. Quando digo que me falou, quero dizer que houve entre nós *transmissão de pensamento*. Sei agora tudo quanto precisava saber. Sei que este

globo nada representa para mim e que uma existência melhor me aguarda.”

“Aprendi a estimar o mundo no seu justo valor. Retém estas palavras, meu amigo: Todo Espírito que quer alcançar a felicidade superior deve manter seu corpo casto, seu coração puro, sua alma livre. Feliz quem sabe perceber a forma imaterial de Deus através das sombras do que se passa!”

“Não nos esqueçamos jamais, ó irmãos, de que Deus é Espírito, e que quanto mais nos tornamos Espírito, mais nos aproximamos de Deus. Não é permitido ao homem romper violentamente os laços da matéria, da carne e do sangue. Esses laços supõem deveres; mas lhe é permitido deles se desprender pouco a pouco pelo idealismo de suas aspirações, pela pureza de suas intenções, pela irradiação de sua alma, reflexo sagrado cujo dever é o lar, até que, pomba livre, seu Espírito, liberto das cadeias mortais, voe e plane nos espaços incomensuráveis.”

O manuscrito ditado pelo Espírito Fernanda, durante os oito dias do retiro de Stéphen, contém as seguintes passagens:

“Morri na perturbação e despertei na alegria. Vi meu corpo, apenas esfriado, estender-se no leito funerário, e me senti como que aliviada de um pesado fardo. Foi então que te percebi, meu bem-amado, e que pela permissão de Deus, unida ao livre exercício de minha vontade, eu te distingui junto ao meu cadáver.

“Enquanto os vermes prosseguiram sua obra de corrupção, eu penetrava, curiosa, os mistérios do mundo novo que habitava. Pensava, sentia, amava como na Terra; mas meu pensamento, minha sensação, meu amor tinham aumentado. Compreendia melhor os desígnios de Deus, *aspirava sua vontade divina*. Vivemos uma vida quase imaterial, e somos superiores a vós tanto quanto os anjos o são a nós. Vemos Deus, mas não

claramente; nós o vemos como se vê o Sol de vossa Terra, através de espessa nuvem. Mas esta visão imperfeita basta à nossa alma, que ainda não está purificada.

“Os homens nos aparecem como fantasmas errantes numa bruma crepuscular. Deus conferiu a alguns dentre nós a graça de ver mais claramente os que amam de preferência. Eu te via assim, caro amor, e minha vontade te envolvia de uma simpatia amorosa a todo momento. É assim que teus pensamentos vinham a mim, que teus atos eram inspirados por mim, que tua vida, numa palavra, não era senão um reflexo de minha vida. Assim como podemos comunicar-nos convosco, os Espíritos superiores podem revelar-se aos nossos olhares. Por vezes, na transparência imaterial, vemos passar a silhueta augusta e luminosa de algum Espírito. É-me impossível descrever-te o respeito que esta visão nos inspira. Felizes aqueles dentre nós que são honrados com estas visitas divinas. Admira a bondade de Deus! os mundos se correspondem todos. Nós nos mostramos a vós; eles se mostram a nós: é a escada simbólica de Jacó.”

“É assim que, num só bater de asas, se elevavam até Deus. Mas esses são raros. Outros sofrem longas provações das existências sucessivas. É a virtude que dá as posições, e o mendigo curvado para a terra é, por vezes, aos olhos do Deus justo e severo, maior que o rei soberbo ou o conquistador invicto. Nada vale senão a alma; é o único peso que importa na balança de Deus.”

Agora que fizemos a parte do elogio, façamos a da crítica. Ela não será longa, porque só se reporta a dois ou três pensamentos. Inicialmente, no diálogo entre os dois amigos, encontramos a seguinte passagem:

“Temos existências anteriores? Não o creio: Deus nos tira do nada; mas do que estou certo é de que, depois daquilo que chamamos morte, começamos – e quando digo nós, falo da alma –

começamos, digo, uma série de novas existências. No dia em que estivermos bastante puros para ver, compreender e amar a Deus inteiramente, só nesse dia morreremos. Note bem que nesse dia não amamos mais que Deus e nada senão Deus. Se, pois, Fernanda estava purificada, ela não pensaria, não poderia pensar em mim. Uma vez que se manifestou, concluo que ela vive. Onde? logo saberei! Está feliz de sua vida, eu o creio, porque enquanto o Espírito não tiver sido completamente purificado, não pode compreender que a felicidade só está em Deus. Pode ser relativamente feliz. À medida que ascendemos, a idéia de Deus se alarga cada vez mais em nós, e somos, por isso mesmo, cada vez mais felizes. Mas essa felicidade jamais é senão uma felicidade relativa. Assim, minha noiva vive. Qual é sua vida? ignoro-o. Só Deus pode dizer aos Espíritos que revelem esses mistérios aos homens.”

Depois de idéias como as que encerram as passagens precitadas, nós nos surpreendemos de encontrar uma doutrina como esta, que faz da felicidade perfeita uma felicidade egoísta. O encanto da Doutrina Espírita, o que dela faz uma suprema consolação, é precisamente a idéia da perpetuidade das afeições, depurando-se e estreitando-se à medida que o Espírito se depura e se eleva. Aqui, ao contrário, quando o Espírito é perfeito, esquece aqueles a quem amou, para pensar apenas em si; está *morto* para qualquer outro sentimento senão o de sua felicidade; a perfeição lhe tiraria a *possibilidade*, o *desejo mesmo* de vir consolar os que ele deixa na aflição. Forçoso é convir que isto seria uma triste perfeição ou, melhor dizendo, seria uma imperfeição. A felicidade eterna, assim concebida, quase não seria mais invejável que a da perpétua contemplação, da qual a reclusão claustral nos dá a imagem pela morte antecipada das mais santas afeições da família. Se assim fosse, uma mãe estaria reduzida a temer, em vez de desejar, a completa depuração dos seres que lhe são mais caros. Jamais a generalidade dos Espíritos ensinou coisa semelhante; dir-se-ia um ajuste entre o Espiritismo e a crença vulgar. Mas esse ajuste não é

feliz, porquanto, não satisfazendo às aspirações íntimas da alma, não tem nenhuma chance de prevalecer na opinião.

Quando o autor diz que não acredita nas existências anteriores, mas que está certo de que, depois da morte, começamos uma série de novas existências, não se deu conta de que cometia uma contradição flagrante. Se admite a pluralidade das existências posteriores, como coisa lógica e necessária ao progresso, em que se baseia para não admitir as existências anteriores? Não diz como explica de maneira conforme à justiça de Deus, a desigualdade inata, intelectual e moral, que existe entre os homens. Se esta existência for a primeira, e se todos saíram do nada, cai-se na doutrina absurda, inconciliável com a soberana justiça, de um Deus parcial, que favorece algumas de suas criaturas, criando almas de todas as qualidades. Poder-se-ia igualmente aí ver um ajustamento com as idéias novas, mas que não é mais feliz que a precedente.

Finalmente, nós nos admiramos de ver Fernanda, Espírito adiantado, sustentar esta proposição de um outro tempo: “Laura tornou-se mãe; Deus teve piedade dela e chamou a si esta criança. Ela a vem rever por vezes. Está triste, porque, tendo morrido sem batismo, *jamaiz* gozará da contemplação divina.” Assim, eis um Espírito que *Deus chama a si*, e que está para sempre infeliz e privado da contemplação de Deus, porque não recebeu o batismo, quando dele não dependia recebê-lo, e que a falta é do próprio Deus, que o chamou muito cedo. São essas doutrinas que fizeram tantos incrédulos, enganando-se os que esperam fazê-las passar por idéias espíritas, que fincam raízes; aceitar-se-ão das idéias espíritas somente o que for racional e sancionado pela universalidade do ensino dos Espíritos. Se aí ainda há acordo, ele é desajeitado. Damos como certo que em mil centros espíritas onde as proposições que acabamos de criticar forem submetidas aos Espíritos, haverá novecentos e noventa onde elas serão resolvidas em sentido contrário.

É a universalidade do ensino, sancionada, ademais, pela lógica, que *fez* e que *completará* a Doutrina Espírita. Nessa universalidade do ensino dado em todos os pontos do globo, por Espíritos diferentes, e em centros completamente estranhos uns aos outros, e que não sofrem qualquer pressão comum, esta doutrina colhe uma força contra a qual em vão lutarão as opiniões individuais, seja dos Espíritos, seja dos homens. A aliança que se pretendesse estabelecer das idéias espíritas com idéias contraditórias, não pode ser senão efêmera e localizada. As opiniões individuais podem congregiar alguns indivíduos, mas, forçosamente circunscritas, não podem congregiar a maioria, a menos que tenha a sanção dessa maioria. Repelidos pelo maior número, não têm vitalidade e se extinguem com seus representantes.

Isto é resultado de um cálculo exclusivamente matemático. Se, em 1.000 centros, houver 990 onde se ensina da mesma maneira, e dez de modo contrário, é evidente que a opinião dominante será a de 990 em 1.000, isto é, a quase unanimidade. Pois bem! estamos certos de atribuir uma parte muito larga às idéias divergentes, levando-as a um centésimo. Jamais formulando um princípio antes de estar assegurado do assentimento geral, estamos sempre de acordo com a opinião da maioria.

O Espiritismo está hoje de posse de uma soma de verdades de tal modo demonstradas pela experiência, que ao mesmo tempo satisfazem a razão tão completamente, que passaram a artigos de fé na opinião da imensa maioria dos adeptos. Ora, pôr-se em aberta hostilidade com esta maioria, chocar suas aspirações e suas mais caras convicções é preparar-se um revés inevitável. Tal é a causa do insucesso de certas publicações.

Mas, dirão, então é proibido a quem não compartilha as idéias da maioria, publicar as suas opiniões? Certamente, não; é mesmo útil que o faça. Mas, nesse caso, deve fazê-lo com seu próprio risco e perigo, e não contar com o apoio moral e material daqueles cujas crenças querem atacar com furor.

Voltando a Fernanda, os pontos de doutrina que combatemos parecem ser a opinião pessoal do autor, que não sentiu o lado fraco. Reportando-nos à sua obra, início de carreira de um jovem, diz-nos ele que ao escrever essa novela apenas tinha um conhecimento superficial da Doutrina Espírita e que, sem dúvida, nela encontraríamos várias coisas a censurar, sobre as quais pedia a nossa opinião; que, mais esclarecido hoje, há princípios que formularia de outro modo. Cumprimentando-o por sua franqueza e modéstia, informamos a ele que, se houvesse lugar para o refutar, fá-lo-íamos na *Revista*, para instrução de todos.

À exceção dos pontos que acabamos de citar, não há nenhum que a Doutrina Espírita não possa aceitar. Cumprimentamos o autor pelo ponto de vista moral e filosófico em que se colocou, e consideramos seu trabalho como eminentemente útil à difusão da idéia, porque a faz encarar sob sua verdadeira luz, que é o ponto de vista sério. (Vide no número precedente a poesia do mesmo autor, intitulada: *Aos Espíritos protetores*).

Simonet

MÉDIUM CURADOR DE BORDEAUX

O *Figaro* de 5 de julho último dava conta, nestes termos, de um julgamento pronunciado pelo tribunal de Bordeaux:

“Nestes últimos tempos, a grande paixão em Bordeaux era ir consultar o feiticeiro de Cauderan. Avalia-se em mil ou mil e duzentos o número de visitas que ele recebia diariamente. A polícia, que faz profissão de cepticismo, inquietou-se com semelhante sucesso e quis proceder a uma investigação judicial no castelo de Bel-Air, onde o feiticeiro estabelecera o seu domicílio. Nos arredores da morada do feiticeiro encontrava-se uma multidão que se dizia afetada de toda sorte de doenças; grandes damas também aí vinham de carruagem para consultar o iluminado.

“Assim que interrogaram o feiticeiro, os magistrados não duvidaram que se tratasse de um pobre louco, explorado pelos mesmos que lhe davam hospedagem. Por isso, o feiticeiro Simonet não foi incluído na perseguição, que se limitou em se dirigir contra os irmãos Barbier, hábeis comparsas que recolhiam todos os lucros da credulidade gascã.

“Como verdadeiros gascões que eram, adornavam sua casa como um castelo, a qual tinha sido convertida em albergue; apenas os vinhos que eles aí produziam nada tinham de comum com os que no Languedoc são chamados vinhos de Château; e, depois, tinham esquecido de se prover de uma licença, de modo que a administração das contribuições indiretas movia um processo contra eles.

“O feiticeiro Simonet era citado como testemunha.

– “Onde aprendestes a Medicina, se sois simples caldeireiro?

– “E que pensais da revelação? Quem eram, então, os discípulos do Cristo? Que faziam esses pobres pescadores, que converteram o mundo? Deus me apareceu; deu-me sua ciência e eu não preciso de remédios: sou um médico curador.

– “Onde aprendestes tudo isto?

– “Em Allan Kardec... e mesmo, Senhor Presidente, eu vo-lo digo com todo o respeito possível, pareceis não conhecer a ciência do Espiritismo, e eu vos exorto muitíssimo a estudá-la. (Hilaridade a que não resistiram os próprios juízes).

– “Abusais da credulidade pública. Assim, para citar apenas um exemplo, há um pobre cego que toda Bordeaux conhece. Ele teve a fraqueza de ir a vós e vos levava os óbolos que recolhia da caridade pública. Restituíste-lhe a vista?

– “Eu não curo todo o mundo, mas forçoso é crer que eu faça curas, pois no dia em que a justiça chegou, havia mais de 1.500 pessoas que esperavam sua vez.

– “Infelizmente é verdade.

“O Sr. procurador imperial – E se isto continuar, tomaremos uma dessas duas medidas: ou vos intimaremos aqui por vigarice – e a justiça apreciará se sois louco – ou tomaremos uma medida administrativa contra vós. É preciso proteger as pessoas honestas contra sua incredulidade.

No castelo de Bel-Air não pediam dinheiro aos consulentes; apenas lhes distribuía um número de ordem, pelo qual pagavam vinte centavos; depois havia os que traficavam com esses números, revendendo-os por até quinze francos. Enfim, davam de-comer aos pobres camponeses, vindos algumas vezes dos limites do Departamento. Havia uma caixa de esmolas para os pobres; desnecessário dizer que os hospedeiros do feiticeiro se apossavam do dinheiro dos pobres.

“O tribunal condenou os senhores Barbier a dois meses e um mês de prisão e 300 francos por contribuições indiretas.”

Ad. Rocher

Eis a verdade sobre Simonet, e de que maneira sua faculdade se revelou.

Os senhores Barbier construíram em Cauderan, subúrbio de Bordeaux, um vasto estabelecimento, como há vários no bairro, destinado a bailes, núpcias e banquetes, e ao qual deram o nome de *Château du Bel-Air*, o que não é mais gascão que o *Château-Rouge* ou o *Château des Fleurs* de Paris. Simonet ali trabalhava como *marceneiro*, e não como *caldeireiro*. Durante os trabalhos de construção, acontecia muitas vezes que operários se

ferissem ou adocessem. Simonet, espírita desde muito tempo, e conhecendo um pouco de magnetismo, foi levado instintivamente, e sem desígnio premeditado, a deles cuidar pela influência fluídica, e curou a muitos. O ruído dessas curas espalhou-se e logo ele viu uma multidão de doentes acorrer a ele, tanto é certo que, faça-se o que se fizer, não se tirará dos doentes o desejo de serem curados, não importa por quem. Sabemos por testemunhas oculares que a média dos que se apresentavam era de mais de mil por dia. A estrada estava atulhada de carros de todo tipo, vindos de várias léguas de distância, de charretes ao lado de equipagens. Havia pessoas que passavam a noite à espera de sua vez.

Mas nesta multidão havia pessoas que necessitavam beber e comer. Os empreiteiros do estabelecimento os forneciam, e isto se tornou para eles um bom negócio. Quanto a Simonet, que era uma fonte de lucros indiretos, pelo menos era hospedado e alimentado, e não se lhe poderia fazer qualquer exprobração. Como se acotovelavam à porta, para evitar confusão, tomaram o sábio partido de dar um número de ordem aos que chegavam; mas tiveram a idéia menos feliz de cobrar dez centavos por número e, mais tarde, vinte centavos, o que, em razão da afluência, dava por dia uma soma bem avultada. Por menor que fosse essa retribuição, todos os espíritas, e o próprio Simonet, que nada tinha com isto, a viram com pesar, presentindo o efeito funesto que isto produziria. Quanto ao tráfico dos bilhetes, parece certo que algumas pessoas mais apressadas, para serem atendidas mais cedo, compravam o lugar dos pobres que estavam à sua frente, muito contentes com esta fortuna. Nisto não há grande mal, mas podia e devia necessariamente resultar em abuso. Foram tais abusos que motivaram a ação judiciária, dirigida contra os senhores Barbier, como tendo aberto um estabelecimento de consumo antes de se haverem munido de uma patente. Quanto a Simonet, não foi posto em causa, mas simplesmente citado como testemunha.

A reprovação geral que se liga à exploração, em casos análogos ao de Simonet, é digna de nota. Parece que um sentimento instintivo leva os próprios incrédulos a ver no desinteresse absoluto uma prova de sinceridade, que inspira uma espécie de respeito involuntário; não crêem na faculdade; ridicularizam-na, mas alguma coisa lhes diz que se ela existe, deve ser uma coisa santa, que não pode, sem profanação, tornar-se uma profissão. Limitam-se a dizer: é um pobre louco de boa-fé; mas todas as vezes que a especulação, seja qual for a sua forma, se mistura a uma mediunidade qualquer, a crítica se julga dispensada de qualquer consideração.

Simonet cura realmente? Pessoas dignas de fé, muito dignas, e que antes teriam interesse em desmascarar a fraude do que preconizá-la, nos citaram numerosos casos de cura perfeitamente autênticos. Aliás, parece-nos que se não tivesse curado ninguém, já teria perdido todo o crédito. Além disso, ele não tem a pretensão de curar todo o mundo; nada promete; diz que a cura não depende dele, mas de Deus, do qual não passa de um instrumento, e cuja assistência deve ser implorada; recomenda a prece e ele próprio ora. Lamentamos muito não ter podido vê-lo durante nossa estada em Bordeaux; mas todos os que o conhecem concordam em dizer que é um homem afável, simples e modesto, sem jactância nem bravata, que não procura prevalecer-se de uma faculdade que sabe que lhe pode ser retirada. É benevolente com os doentes, que encoraja por boas palavras. O interesse que lhes devota não se baseia na posição que ocupam; tem tanta solicitude pelo mais miserável quanto pelo mais rico. Se a cura não for instantânea, o que ocorre no mais das vezes, ele aí põe toda a firmeza necessária.

Eis o que nos foi dito. Ignoramos quais serão para ele as conseqüências deste caso, mas é certo que, se for sincero e perseverar nos sentimentos de que parece animado, não lhe faltarão a assistência e a proteção dos Espíritos bons; ele verá sua faculdade

desenvolver-se e crescer, ao passo que a veria declinar e perder-se se entrasse num mau caminho, sobretudo se dela se envaidecesse.

Nota – No momento de ir para o prelo, soubemos que, em conseqüência da fadiga para ele resultante do longo e penoso exercício de sua faculdade, mais do que para escapar aos aborrecimentos de que era objeto, Simonet resolveu suspender qualquer recepção até nova ordem. Se os doentes sofrem por esta abstenção, ao menos se produziu um grande efeito.

Entrada dos Incrédulos no Mundo dos Espíritos

O DOUTOR CLAUDIUS

**(Sociedade de Paris – Médiun: Sr. Morin, em
sonambulismo espontâneo)**

Um médico, que designaremos sob o nome de doutor Claudius, conhecido de alguns dos nossos colegas, e cuja vida tinha sido uma profissão de fé materialista, morreu há algum tempo de uma afecção orgânica, que ele sabia incurável. Atraído, sem dúvida, pelo pensamento dos que o haviam conhecido e que desejavam conhecer sua posição, manifestou-se espontaneamente por intermédio do Sr. Morin, um dos médiuns da Sociedade, em estado de sonambulismo espontâneo. Já várias vezes esse fenômeno se produziu por esse médium e por outros adormecidos no sono espiritual.

O Espírito que assim se manifesta apodera-se do médium, serve-se de seus órgãos como se ainda estivesse vivo. Então não é mais uma fria comunicação escrita; é a expressão, a pantomima, a inflexão de voz do indivíduo que se tem diante dos olhos.

Foi nestas condições que se manifestou o doutor Claudius, sem ter sido evocado. Sua comunicação, que publicamos

textualmente a seguir, é instrutiva por várias razões, principalmente quando descreve os sentimentos que o agitam; a dúvida ainda constitui o seu tormento; a incerteza de sua situação o mergulha numa terrível perplexidade, e aí está a sua punição. É um exemplo a mais que vem confirmar o que se viu muitas vezes em casos semelhantes.

Após uma dissertação sobre outro assunto, o médium absorvido se recolhe alguns instantes; depois, como se despertasse penosamente, assim se exprime, falando a si mesmo:

Ah! ainda um sistema!... Que há de verdadeiro e de falso na existência humana, na Criação, na criatura, no Criador?... A coisa é?... A matéria é mesmo verdade?... A Ciência é uma verdade?... O saber, uma aquisição?... A alma... a alma existe?

O Criador, a Divindade, não é um mito?... Mas, que digo eu?... por que essas blasfêmias multiplicadas?... Por que, em face da matéria, não posso crer, ó meu Deus, não posso ver, sentir, compreender?...

Matéria!... matéria!... mas sim, tudo é matéria... Tudo é matéria!... e, contudo, a invocação a Deus veio-me à boca!... Por que, então, eu disse: ó meu Deus?... Por que esta palavra, já que tudo é matéria?... Sou eu?... Não é um eco do meu pensamento, que ressoa e se escuta?... Não são as últimas badaladas do sino que eu tocava?

Matéria!... Sim, a matéria existe, eu o sinto!... A matéria existe; eu a toquei!... mas!... nem tudo é matéria e, contudo... contudo tudo foi auscultado, palpado, tocado, analisado, dissecado fibra a fibra, e nada!... Nada senão a carne, a matéria sempre que, desde o instante em que o grande movimento se deteve, também parou!... O movimento pára, o ar não chega mais... Mas!... se tudo é matéria, por que ela não mais se põe em movimento, desde que

tudo o que existia quando ela se agitava, existe ainda?... E, contudo, *ele* não existe mais!...

Mas se existo!... nem tudo acabou com o corpo!... Na verdade... estou mesmo morto?... entretanto, esse corrosivo que alimentei, que cuidei com minhas mãos, não me perdeu!... É verdade; estou morto!... Mas esta doença que vi nascer... crescer... tinha uma alma?

Ah! a dúvida! sempre a dúvida!... em resposta a todas as minhas secretas aspirações!... Mas, se sou eu, ó meu Deus, se sou eu... ah! fazei que eu me reconheça!... fazei que vos pressinta!... porque, se sou eu, que longa sucessão de blasfêmias!... que longa negação de vossa sabedoria, de vossa bondade, de vossa justiça!... Que imensa responsabilidade de orgulho assumi sobre minha cabeça, ó meu Deus!... Mas, se ainda tenho um *eu*, eu que nada queria admitir fora do possível ao toque... Duvidei de vossa sabedoria, ó meu Deus! é justo que eu duvide!... Sim, duvidei; a dúvida me persegue e me castiga.

Oh! é preferível mil mortes à dúvida em que vivo!... Vejo, encontro antigos amigos... e, contudo, todos morreram antes! Méry, meu pobre louco!... mas não seria eu o louco?... o epíteto de louco se adapta à sua personalidade? – Vejamos, então. O que é a loucura?...

A loucura!... A loucura!... decididamente, a loucura é universal!... todos os homens são loucos num grau maior ou menor... mas sua loucura, *a dele*, não era sabedoria ao lado de minha própria loucura?... Para ele, os sonhos, as imagens, as aspirações do além... mas, é justiça!... Conhecia eu esse desconhecido, que a mim se apresenta inopinadamente? Não, não, o nada não existe, porque se existisse, esta encarnação de negação, de crimes, de infâmia, não me torturaria assim!... Vejo, mas vejo tarde demais, todo o mal que fiz!... Vendo-o hoje, e reparando-o pouco a pouco, talvez um dia eu seja digno de ver e de fazer o bem!...

Sistemas!... sistemas orgulhosos, produtos de cérebros humanos, eis para onde nos conduzis!... Num, é a divindade; noutra, a divindade material e sensual; noutra ainda, o nada, nada!... Nada, divindade material, divindade espiritual são palavras? Oh! eu peço para ver, meu Deus!... e se eu existo, se vós existis, concedei-me o favor que vos peço; aceitai minha prece, porque vos peço, ó meu Deus, que me façais ver se eu existo, se eu sou!... (Estas últimas palavras foram ditas com uma inflexão dilacerante).

Observação – Se o Sr. Claudius perseverou até o fim na sua incredulidade, não foram os meios de se esclarecer que lhe faltaram. Como médico, tinha necessariamente o espírito culto, a inteligência desenvolvida, um saber acima do vulgo e, no entanto, isto não lhe bastou. Em suas minuciosas investigações da natureza morta e da natureza viva, não entreviu Deus, não entreviu a alma! Vendo os efeitos, não soube remontar à causa! ou, melhor dizendo, tinha concebido uma causa à sua maneira, e seu orgulho de sábio o impedia de confessar a si mesmo, sobretudo de confessar à face do mundo que podia se ter enganado. Circunstância digna de nota, morreu de um mal orgânico que *sabia*, por sua própria ciência, *ser incurável*. Esse mal, que ele tratava, era uma advertência permanente; a dor que lhe causava era uma voz que lhe gritava incessantemente para pensar no futuro. Entretanto, nada pôde triunfar de sua obstinação; fechou os olhos até o último momento. Será que esse homem jamais teria podido tornar-se espírita? Certamente não. Nem fatos, nem raciocínios teriam podido vencer uma opinião preconcebida, e da qual estava decidido a não se desviar. Ele era desses homens que não querem render-se à evidência, porque neles a incredulidade é *inata*, como a crença em outros. O sentido pelo qual um dia poderão assimilar os princípios espirituais ainda não despontou; são para a espiritualidade quais cegos de nascença para a luz: não a compreendem.

Assim, não basta a inteligência para conduzir pelo caminho da verdade; ela é como o cavalo que nos carrega, e que segue a rota na qual o lançaram. Se esta rota conduz a um atoleiro, ele aí precipita o cavaleiro; mas, ao mesmo tempo, lhe dá os meios de se reerguer.

Tendo o Sr. Claudius morrido voluntariamente como cego espiritual, não é de admirar que não tenha visto a luz imediatamente; que não se reconheça num mundo que não quis estudar; que, morto com a idéia do nada, duvide da própria existência, incerteza pungente que constitui o seu tormento. Caiu no precipício para onde o impeliu o seu corcel. Mas pode levantar-se desta queda, e já parece entrever um clarão que, se o seguir, o conduzirá ao porto. É em seus louváveis esforços que deve ser sustentado pela prece. Quando uma vez tiver gozado dos benefícios da luz espiritual, terá horror às trevas do materialismo; e se um dia voltar à Terra, será com intuições e aspirações muito diversas das que tinha em sua última existência.

UM OPERÁRIO DE MARSELHA

Num grupo espírita de Marselha, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a seguinte comunicação:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... Em meio às trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito, ao que me dizem; mas não creio nos Espíritos. Sei bem que é uma fábula, inventada por cabeças malucas e crédulas... De minha parte não compreendo mais nada... Vejo-me duplo; um corpo mutilado jaz ao meu lado e, contudo, estou vivo... Vejo os meus que se desolam, sem contar meus companheiros de infortúnio, que não vêem tão claramente como eu; assim, aproveitei a luz que aqui me conduziu, para vir colher ensinamentos junto de vós.

Parece-me que não é a primeira vez que vos vejo. Minhas idéias ainda estão confusas... Permitam-me que eu volte outra vez, quando estiver melhor habituado à minha posição atual... Dá no mesmo, eu me vou com pesar; encontrava-me em meu centro... mas sinto que é preciso obedecer; este Espírito me parece bom, mas severo. Vou esforçar-me para conquistar as suas boas graças, a fim de falar mais vezes convosco.

Um operário do curso Lieutaud

No desmoronamento de uma ponte, ocorrido poucos dias antes, seis operários tinham morrido. Foi um deles que se manifestou.

Depois desta comunicação, o guia do médium ditou-lhe o seguinte:

Cara irmã, este desditoso Espírito foi conduzido a ti para exercitares a caridade. Como nós a praticamos para com os encarnados, a vossa deve exercer-se para com os desencarnados.

Embora esse infeliz seja sustentado por seu anjo-da-guarda, este deve ficar-lhe invisível, até que se reconheça bem na sua situação. Para isto, cara irmã, toma-o sob tua proteção, que, reconheço, ainda é fraca; mas, apoiado na tua fé, em breve esse Espírito verá luzir a aurora de um novo dia, e o que recusou reconhecer depois de sua catástrofe logo se tornará para ele um motivo de paz e de alegria. Tua tarefa não será muito difícil, porque ele tem o essencial para te compreender: a bondade do coração.

Escuta, cara irmã, os impulsos do teu coração, e sairás vitoriosa da prova que tua nova missão te impõe.

Sustentai-vos mutuamente, caros irmãos e bem-amadas irmãs, e a nova Jerusalém, que estais prestes a atingir, vos será aberta com cantos de triunfo, porque o cortejo que vos seguirá vos

tornará vitoriosos. Mas para bem combater os obstáculos exteriores é preciso, antes de tudo, ter vencido a si mesmo. Deveis manter uma disciplina severa para o vosso coração; a menor infração deve ser reprimida, sem buscar atenuar a falta, sem o que jamais sereis vencedores dos outros. Entre vós, é preciso que rivalizeis em virtudes e vigilância.

Coragem, amigos; não estais sós. Sois sustentados e protegidos pelos combatentes espirituais, que esperam em vós, e invocam sobre vós a bênção do Altíssimo.

Vosso Guia

Como se vê, este fato tem alguma analogia de situação com o precedente. É também um Espírito que não se reconhece, que não compreende sua situação. Mas é fácil ver qual dos dois sairá primeiro da incerteza. Pela linguagem de um, se reconhece o sábio orgulhoso, que filosofou sobre sua incredulidade, que, parece, nem sempre fez de sua inteligência e saber o melhor uso possível. O outro é uma natureza inculta, mas boa, à qual, sem dúvida, só faltou boa direção. Nele a incredulidade não era um sistema, mas consequência da falta de ensinamento conveniente. Aquele que, em vida, pudesse ter tido compaixão do outro, em breve poderia tê-lo visto numa posição mais feliz que ele. Praza a Deus colocá-los em presença um do outro, para sua mútua instrução; é possível que o sábio se sentisse feliz em receber lições do ignorante.

Variedades

A LIGA DO ENSINO

Lê-se no *Siècle* de 10 de julho de 1867:

“A prefeitura de Metz acaba de autorizar uma sessão da associação fundada por Jean Macé, sob o nome de “Círculo de Metz da *Liga do Ensino*.”

A respeito, lê-se no jornal *Moselle*:

“A comissão diretora, eleita, do círculo entrou em atividade e decidiu começar seus trabalhos pela fundação de uma biblioteca popular, nos moldes das que prestam tão grandes serviços na Alsácia.

“Para esta obra, o círculo de Metz reclama o concurso de todos e solicita a adesão de quem quer que se interesse pelo desenvolvimento da instrução e da educação em nossa cidade. Essas adesões, acompanhadas de uma cotização, cujo valor e modo de pagamento são facultativos, bem como as ofertas de livros, serão recebidos por qualquer um dos membros da comissão.”

Assim como dissemos, ao falarmos da Liga do Ensino (*Revista* de março e abril de 1867), nossas simpatias são conquistadas por todas as idéias progressistas. Nesse projeto não criticamos senão o modo de execução. Assim, sentir-nos-emos felizes por ver aplicações práticas desta bela idéia.

SENHORA WALKER, DOUTORA EM CIRURGIA

Os médicos e os internos do Hospital da Caridade receberam sábado, durante a visita da manhã, um de seus confrades americanos, a quem a última guerra da América deu certa reputação.

Esse doutor em Medicina não era outro senão a Sra. Walker, que, durante a guerra da secessão nos Estados Unidos, dirigiu um importante serviço de ambulâncias. Pequena, de compleição delicada, vestida com a elegante simplicidade que distingue as damas da sociedade, a senhora Walker foi recebida com grande simpatia e mui respeitosa. Interessou-se vivamente nos dois grandes serviços, o cirúrgico e o médico.

Sua presença no Caridade proclamava um princípio novo, que recebeu sua consagração no Novo Mundo: a igualdade da mulher perante a Ciência.

(*Opinion nationale*)

(Ver a *Revista* de junho de 1867 e janeiro de 1866, sobre a emancipação das mulheres).

O IMÃ, GRÃO-CAPELÃO DO SULTÃO

“Sábado (6 de julho) – diz a *Presse* – o imã ou grão-capelão do sultão, Hairoulah-Effendi, fez uma visita ao monsenhor Chigi, núncio apostólico, e ao monsenhor arcebispo de Paris.”

A viagem do sultão a Paris é mais que um acontecimento político, é um sinal dos tempos, o prelúdio do desaparecimento dos preconceitos religiosos que por tanto tempo levantaram uma barreira entre os povos e ensangüentaram o mundo. Vindo o sucessor de Maomé, de sua livre-vontade, visitar um país cristão, fraternizando com um soberano cristão, teria sido, de sua parte e não há muito tempo, um ato audacioso. Hoje o fato parece muito natural. O que é ainda mais significativo é a visita do Imã, seu grão-capelão, aos chefes da Igreja. A iniciativa que tomou nessa circunstância, já que o cerimonial a isto não o obrigava, é uma prova do progresso das idéias. Os ódios religiosos são anomalias no século em que estamos, e é de bom augúrio para o futuro ver um dos príncipes da religião muçulmana dar o exemplo de tolerância e abjurar as prevenções seculares.

Uma das conseqüências do progresso moral será certamente um dia a unificação das crenças; ela ocorrerá quando os diferentes cultos reconhecerem que há um só Deus para todos os homens, e que é absurdo e indigno dEle lançar-se anátemas por não se O adorar da mesma maneira.

Jean Ryzak – A Força do Remorso

ESTUDO MORAL

Escrevem de Winschoten, em 2 de maio de 1867, ao *Journal de Bruxelles*:

Sábado passado, um operário cavouqueiro de nossa comuna apresentou-se à casa do guarda rural, onde intimou esse funcionário a prendê-lo e o entregar à justiça, diante da qual, dizia, deveria fazer a confissão de um crime por ele cometido há vários anos. Levado à presença do burgomestre, esse operário, que declarou chamar-se J. Ryzak, fez o seguinte relato:

“Há cerca de doze anos eu era empregado nos trabalhos de dessecamento do lago de Harlem, quando um dia o cabo, pagando a minha quinquena, entregou-me o soldo devido a um de meus camaradas, com ordem de o entregar a este último. Gastei o dinheiro e, querendo evitar os dissabores das investigações, resolvi matar o amigo a quem acabava de roubar. Para isto, precipitei-o num dos abismos do lago, mas, vendo-o voltar à superfície e fazer esforços para nadar para a margem, dei-lhe duas facadas na nuca.

“Tão logo cometi o crime, comecei a sentir remorso. Em breve tornou-se intolerável e foi-me impossível continuar no trabalho. Comecei por fugir do teatro do meu crime, e não achando em parte alguma do país nem paz nem trégua, embarquei para as Índias, onde me engajei no exército colonial. Mas lá, também, o espectro de minha vítima perseguiu-me noite e dia; minhas torturas eram incessantes e inauditas e, assim que terminou o meu tempo de serviço, uma força irresistível impeliu-me a voltar a Winschoten e a pedir à justiça o apaziguamento de minha consciência. Ela me dará, impondo-me a expiação que julgar conveniente. E se ordenar que eu morra, prefiro este suplício à tortura que me faz

experimentar, há doze anos, a toda hora do dia e da noite, o carrasco que trago no peito.”

Após esta declaração, e certificando-se de que o homem que estava à sua frente era são de espírito, o burgomestre requisitou a polícia, que prendeu Ryzak e relatou imediatamente o fato ao oficial de justiça.

Aqui se aguarda com emoção os desdobramentos que poderá ter este estranho acontecimento.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS SOBRE ESTE CASO

(Sociedade de Paris, 10 de maio de 1867 – Médiun: Srta. Lateltin)

Como sabeis, cada ser tem a liberdade do bem e do mal, o que chamais de livre-arbítrio. O homem tem em si a consciência, que o adverte quando fez bem ou fez mal, cometeu uma má ação ou descurou de fazer o bem; sua consciência que, como guardiã vigilante, encarregada de velar por ele, aprova ou desaprova sua conduta. Muitas vezes acontece que se mostre rebelde à sua voz, que repila suas inspirações; quer sufocá-la pelo esquecimento; mas jamais ela é completamente aniquilada para que, num dado momento, não desperte mais forte e mais poderosa e não exerça um severo controle de vossas ações.

A consciência produz dois efeitos diferentes: a satisfação de ter agido bem, a paz que deixa a consciência do dever cumprido, e o remorso que penetra e tortura quando se praticou uma ação reprovada por Deus, pelos homens ou pela honra. É, propriamente falando, o senso moral. O remorso é como uma serpente de mil voltas, que circula em redor do coração e o destrói; é o remorso que sempre faz ouvir as mesmas inflexões e vos grita: Fizeste uma ação má; deverás ser punido; teu castigo só cessará depois da reparação. E quando, a este suplício de uma consciência atormentada, vem juntar-se a visão constante da vítima, da pessoa

a quem se fez o mal; quando, sem repouso nem trégua, sua presença exprobra ao culpado sua conduta indigna, repetindo-lhe incessantemente que sofrerá enquanto não tiver expiado e reparado o mal que fez, o suplício se torna intolerável. É então que, para pôr fim às suas torturas, seu orgulho se dobra e ele confessa seus crimes. O mal traz em si a sua pena, pelo remorso que deixa e pelos reproches feitos pela só presença daqueles contra os quais se agiu mal.

Crede-me, escutai sempre essa voz que vos adverte quando estais prestes a falar; não a sufoqueis pela revolta do vosso orgulho; e se falirdes, apressai-vos em reparar o mal, sem o que o remorso será a vossa punição. Quanto mais vos demorardes, mais penosa será a reparação e mais prolongado o suplício.

Um Espírito

(Mesma sessão – Médiun: Sra. B...)

Hoje tendes um exemplo notável da punição que sofrem, mesmo na Terra, os que se tornaram culpados de uma ação má. Não é somente no mundo invisível que a visão da vítima vem atormentar o assassino para o forçar ao arrependimento; lá onde a justiça dos homens não começou a expiação, a justiça divina faz começar, à revelia de todos, o mais lento e o mais terrível dos suplícios, o mais temível castigo.

Há certas pessoas que dizem que a punição infligida ao criminoso no mundo dos Espíritos, e que consiste na visão contínua de seu crime, não pode ser muito eficaz, e que em nenhum caso não é esta punição que, por si só, determina o arrependimento. Dizem que um naturalmente perverso, como é um criminoso, não pode senão amargurar-se cada vez mais por essa visão, e assim se tornando pior. Os que assim falam não fazem idéia do que pode tornar-se um tal castigo; não sabem quanto é cruel esse espetáculo contínuo de uma ação que jamais se queria haver

cometido. Certamente vemos alguns criminosos empedernidos, mas muitas vezes é só por orgulho e por quererem parecer mais fortes que a mão que os castiga; é para fazer crer que não se deixam abater pela visão de imagens vãs; mas essa falsa coragem não tem longa duração, pois logo os vemos fraquejar em presença desse suplício, que deve muito de seus efeitos à sua lentidão e persistência. Não há orgulho que possa resistir a esta ação, semelhante à da gota d'água sobre a rocha; por mais dura que possa ser a pedra, é inevitavelmente atacada, desagregada, reduzida a pó. É assim que o orgulho, que faz com que esses infelizes se obstinem contra seu soberano senhor, mais cedo ou mais tarde é abatido, e que o arrependimento, enfim, pode ter acesso à sua alma. Como sabem que a origem de seus sofrimentos está em sua falta, pedem para repará-la, a fim de trazer um abrandamento a seus males.

Aos que pudessem duvidar, não tendes senão que citar o fato que vos foi assinalado esta noite; ali não é só a hipótese, não é mais o só ensinamento dos Espíritos, mas um exemplo de certo modo palpável, que se vos apresenta. Nesse exemplo, o castigo seguiu de perto a falta e foi tal que, ao cabo de vários anos, forçou o culpado a pedir a expiação de seu crime à justiça humana, e ele mesmo disse que todas as penas, a própria morte, lhe pareceriam menos cruéis do que aquilo que sofria, no momento em que se entregou à justiça.

Um Espírito

Observação – Sem ir buscar aplicações do remorso nos grandes criminosos, que são exceções na sociedade, nós as encontramos nas mais ordinárias circunstâncias da vida. É esse sentimento que leva todo indivíduo a afastar-se daqueles contra os quais sente que tem censuras a se fazer; em presença deles sente-se mal; se a falta não for conhecida, ele teme ser adivinhado; parece-lhe que um olhar pode penetrar o fundo de sua consciência; vê em toda palavra, em todo gesto uma alusão à sua pessoa, razão por

que, desde que se sente desmascarado, retira-se. O ingrato também foge de seu benfeitor, já que sua visão é uma censura incessante, da qual em vão procura desembaraçar-se, pois uma voz íntima lhe grita no fundo da consciência que ele é culpado.

Se o remorso já é um suplício na Terra, quão maior não será esse suplício no mundo dos Espíritos, onde não é possível subtrair-se à vista daqueles a quem se ofendeu! Felizes os que, tendo reparado já nesta vida, poderão sem receio enfrentar todos os olhares no mundo onde nada é oculto.

O remorso é uma conseqüência do desenvolvimento do senso moral; não existe onde o senso moral ainda se acha em estado latente. É por isto que os povos selvagens e bárbaros cometem sem remorsos as piores ações. Aquele, pois, que se pretendesse inacessível ao remorso, assimilar-se-ia ao bruto. À medida que o homem progride, o senso moral torna-se mais apurado; ofusca-se ao menor desvio do reto caminho. Daí o remorso, que é o primeiro passo para o retorno ao bem.

Dissertações Espíritas

PLANO DE CAMPANHA – A ERA NOVA – CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONAMBULISMO ESPONTÂNEO

(Paris, 10 de fevereiro de 1867 – Médiun: Sr. T..., em sono espontâneo)

Nota – Nesta sessão, nenhuma pergunta prévia tinha provocado o assunto que foi tratado. Inicialmente o médium se havia ocupado de saúde; depois, pouco a pouco, viu-se conduzido às reflexões, cuja análise damos a seguir. Falou durante cerca de uma hora, sem interrupção.

Os progressos do Espiritismo causam aos seus inimigos um pavor que não podem dissimular. No começo brincaram com as mesas girantes, sem pensar que acariciavam uma criança que devia crescer; a criança cresceu... então eles

presentiram o seu futuro e disseram de si para si que em breve estariam com a razão... Mas, como se diz, a criança tinha sete fôlegos. Resistiu a todos os ataques, aos anátemas, às perseguições, mesmo às zombarias. Semelhante a certos grãos que o vento carrega, produziu inúmeros rebentos; para um que destruíam, brotavam cem outros.

Primeiro empregaram contra ele as armas de uma outra era, as que outrora eram bem-sucedidas contra as idéias novas, porque essas idéias não passavam de lampejos esparsos, que tinham dificuldade de vir à luz através da ignorância e porque ainda não haviam criado raízes nas massas... hoje é outra coisa, tudo mudou: os costumes, as idéias, o caráter, as crenças; a Humanidade não mais se inquieta com as ameaças que amedrontavam as crianças; o diabo, tão temido por nossos ancestrais, já não causa medo: riem dele.

Sim, as armas antigas se gastaram contra a couraça do progresso. É como se, em nossos dias, um exército quisesse atacar uma praça forte, guarnecida de canhões, com as flechas, os aríetes e as catapultas dos nossos antepassados.

Os inimigos do Espiritismo viram, pela experiência, a inutilidade das armas carcomidas do passado contra a idéia regeneradora; longe de o prejudicar, seus esforços só serviam para o propagar.

Para lutar vantajosamente contra as idéias do século, seria preciso estar à altura do século; às doutrinas progressistas seria necessário opor doutrinas ainda mais progressistas; mas o menos não pode sobrepujar o mais.

Não podendo, pois, triunfar pela violência, recorreram à astúcia, a arma dos que têm consciência de sua fraqueza... de lobos, fizeram-se cordeiros, para se introduzirem no aprisco e aí semearem a desordem, a divisão, a confusão. Porque conseguiram lançar a perturbação em algumas fileiras, cedo demais se julgaram

senhores da praça. Nem por isto os adeptos isolados deixaram de continuar sua obra, e diariamente a idéia abre o seu caminho sem muito alarido... Eles é que fizeram barulho... Não a vedes penetrar em toda parte? nos jornais, nos livros, no teatro e mesmo no púlpito? Ela trabalha todas as consciências; arrasta os espíritos para novos horizontes; é encontrada em estado de intuição naqueles mesmos que dela não ouviram falar. Eis um fato que ninguém pode negar e que cada dia se torna mais evidente. Não é a prova de que a idéia é irresistível e que é um sinal dos tempos?

Aniquilá-lo, portanto, é uma coisa impossível, porque seria preciso aniquilá-lo não num ponto, mas no globo inteiro; e, depois, as idéias não são levadas nas asas dos ventos? e como atingi-las? Pode-se pegar fardos de mercadorias na alfândega; mas, idéias! elas são inatingíveis.

Que fazer, então? Tentar apoderar-se delas, para as acomodar à sua vontade... Pois bem! é o partido pelo qual se decidiram. Disseram a si mesmos: O Espiritismo é o precursor de uma revolução moral inevitável; antes que se realize completamente, tratemos de a desviar em nosso proveito; façamos de modo que aconteça com ela como com certas revoluções políticas; desnaturando o seu espírito, poder-se-ia imprimir-lhe outro curso.

Assim, o plano de campanha está mudado... Vereis se formarem reuniões espíritas, cujo objetivo confessado será a defesa da doutrina, e cujo objetivo secreto será a sua destruição; supostos médiuns que terão comunicações encomendadas, adequadas ao fim a que se propõem; publicações que, à sorrelfa do Espiritismo, se esforçarão para o demolir; doutrinas que lhe tomarão algumas idéias, mas com o pensamento de o suplantarem. Eis a luta, a verdadeira luta que ele terá de sustentar, e que será perseguida obstinadamente, mas da qual sairá vitorioso e mais forte.

Que podem os homens contra a vontade de Deus? É possível desconhecê-la diante do que se passa? Seu dedo não é visível nesse progresso que desafia todos os ataques? nesses fenômenos que surgem em toda parte como um protesto, como um desmentido dado a todas as negações?... A vida dos homens, a sorte da Humanidade, não está em suas mãos?... Cegos!... Eles não contam com a nova geração que se ergue e que diariamente suplanta a geração que se vai... Mais alguns anos e esta terá desaparecido, não deixando atrás de si senão a lembrança de suas tentativas insensatas, para deter o impulso do espírito humano que marcha, marcha a despeito de tudo... Eles não contam com os acontecimentos que vão apressar a eclosão do novo período humanitário... com os apoios que vão levantar-se em favor da nova doutrina e cuja voz poderosa imporá silêncio aos seus detratores em razão de sua autoridade.

Oh! como estará mudada a face do mundo para aqueles que virem o começo do próximo século!... Quantas ruínas verão em sua retaguarda, e que esplêndidos horizontes se abrirão à sua frente!... será como a aurora afastando as sombras da noite... Aos ruídos, aos tumultos, aos rugidos da tempestade sucederão cantos de alegria; depois das angústias, os homens renascerão para a esperança... Sim! o século vinte será um século abençoado, porque verá a era nova, anunciada pelo Cristo.

Nota – Aqui o médium pára, dominado por indizível emoção e como que esgotado de fadiga. Após alguns minutos de repouso, durante os quais parece voltar ao grau de sonambulismo ordinário, continua:

– Que vos dizia eu, então? – Faláveis do novo plano de campanha dos adversários do Espiritismo; depois considerastes a era nova. – É isso.

Enquanto esperam, disputam o terreno palmo a palmo. Renunciaram mais ou menos às armas de outros tempos, cuja ineficácia reconheceram; agora ensaiam as que são todo-poderosas

neste século de egoísmo, de orgulho e de cupidez: o ouro, a sedução do amor-próprio. Junto aos que são inacessíveis ao medo, exploram a vaidade, as necessidades terrenas. Aquele que se obstinou contra a ameaça, às vezes dá ouvidos complacentes à lisonja, ao atrativo do bem-estar material... Prometem pão a quem não o tem, trabalho ao artesão, clientela ao negociante, promoção ao empregado, honras aos ambiciosos se renunciarem às suas crenças; ferem-nos em sua posição, em seus meios de subsistência, em suas afeições, se são indóceis; depois, a miragem do ouro produz sobre alguns seu efeito ordinário. Nesse número encontram-se, necessariamente, alguns caracteres fracos, que sucumbem à tentação. Há os que caem na armadilha de boa-fé, porque a mão que os dirige se esconde... Há, também, e muitos, que cedem à dura necessidade, mas que não pensam menos nisto; sua renúncia é apenas aparente; curvam-se, mas para se erguerem na primeira ocasião... Outros, os que têm em mais alto grau a verdadeira coragem da fé, afrontam o perigo resolutamente; esses vencem sempre, porque são sustentados pelos Espíritos bons... Alguns, oh!... mas estes jamais foram espíritas de coração... preferem o ouro da Terra ao ouro do céu; ficam, pela forma, ligados à doutrina e, sob esse manto, apenas servem melhor à causa de seus inimigos... É uma triste troca que fazem e que pagarão muito caro!

Nos tempos de cruéis provas que ides atravessar, ditosos aqueles sobre os quais se estender a proteção dos Espíritos bons, porque jamais esta foi tão necessária!... Oraí pelos irmãos transviados, a fim de que aproveitem os breves instantes de mora que lhes são concedidos, antes que a justiça do Altíssimo se torne mais pesada sobre eles... Quando virem rebentar a tempestade, mais de um exclamará graça! Mas lhes será respondido: Que fizestes dos nossos ensinamentos? Vossos médiuns não escreveram centenas de vezes a vossa própria condenação?... Tivestes a luz, e não a aproveitastes; nós vós tínhamos dado um abrigo: por que o

abandonastes? Sofrei, pois, a sorte daqueles que preferistes. Se vosso coração tivesse sido tocado por nossas palavras, teríeis ficado firmes no caminho do bem, que vos era traçado; se tivésseis tido fé, teríeis resistido as seduções armadas contra o vosso amor-próprio e a vossa vaidade. Então acreditastes no-las impor, como aos homens, por falsas aparências? Sabeis, se duvidastes, que não há um só movimento da alma que não tenha seu contragolpe no mundo dos Espíritos?

Credes que seja por nada que se desenvolve a faculdade da vidência em tão grande número de pessoas? que seja para oferecer um novo alimento à curiosidade que hoje tantos médiuns adormecem espontaneamente em sono de êxtase? Não; desiludivos. Esta faculdade, que há tanto tempo vos é anunciada, é um sinal característico dos tempos que são chegados; é um prelúdio da transformação, porque, como vos foi dito, deve ser um dos atributos da nova geração. Essa geração, mais depurada moralmente, sê-lo-á também fisicamente; a mediunidade sob todas as formas será mais ou menos geral, e a comunhão com os Espíritos um estado, a bem dizer, normal.

Deus envia a faculdade de vidência nesses momentos de crise e de transição, para dar aos seus fiéis servidores um meio de desmanchar a trama de seus inimigos, porque os maus pensamentos, que se julgam escondidos na sombra dos refolhos da consciência, se refletem nessas almas sensitivas, como num espelho, e se descobrem por si mesmos. Aquele que só emite bons pensamentos não teme que se os conheça. Feliz o que pode dizer: Lede em minha alma como num livro aberto.

Observação – O sonambulismo espontâneo, do qual já falamos, não é, com efeito, senão uma forma de mediunidade vidente, cujo desenvolvimento já era anunciado há algum tempo, assim como o aparecimento de novas aptidões mediúnicas. É

notável que em todos os momentos de crise geral ou de perseguição, as pessoas dotadas desta faculdade são mais numerosas do que nos tempos normais. Houve-os muito no momento da Revolução; os calvinistas das Cevenas, perseguidos como animais selvagens, tinham numerosos videntes que os advertiam do que se passava ao longe; por este fato, e por ironia, foram classificados de iluminados; hoje, começa-se a compreender que a visão a distância, independente dos órgãos da visão, pode bem ser um dos atributos da natureza humana, e o Espiritismo o explica pela faculdade expansiva e pelas propriedades da alma. Os fatos deste gênero se multiplicaram de tal maneira que já não causam tanta admiração; o que outrora parecia a alguns milagre ou sortilégio, é hoje considerado como efeito natural. É uma das mil vias pelas quais penetra o Espiritismo, de sorte que, se se estanca uma fonte, ele surge por outros caminhos.

Assim, esta faculdade não é nova, mas tende a generalizar-se, sem dúvida pelo motivo indicado na comunicação acima, mas, também, como meio de provar aos incrédulos a existência do princípio espiritual. No dizer dos Espíritos, ela se tornaria mesmo epidêmica, o que naturalmente se explicaria pela transformação moral da Humanidade, transformação que deveria produzir no organismo modificações que facilitassem a expansão da alma.

Como outras faculdades mediúnicas, esta pode ser explorada pelo charlatanismo. Desse modo, é bom precaver-se contra a trapaça que, por um motivo qualquer, poderia tentar simulá-la, e assegurar-se, por todos os meios possíveis, da boa-fé dos que dizem possuí-la. Além do desinteresse material e moral e da honorabilidade notória da pessoa, que são as primeiras garantias, convém observar com cuidado as condições e as circunstâncias nas quais se produz o fenômeno, e ver se nada oferecem de suspeito.

OS ESPIÕES

(Sociedade de Paris, 12 de julho de 1867
– Médiun: Sr. Morin, em sono espontâneo)

Quando, em conseqüência de uma terrível convulsão humanitária, a sociedade inteira se movia lentamente, oprimida, esmagada, e ignorando a causa de sua opressão, alguns seres privilegiados, alguns velhos veteranos do bem, pondo à disposição de todos sua experiência da dificuldade de o reproduzir, e juntando a isto o respeito que devia provocar sua conduta e sua posição, resolveram procurar aprofundar as causas dessa crise geral, que fere cada um em particular.

Começa a era nova e, com ela, o Espiritismo (esta palavra foi criada; não resta senão torná-la compreendida, e cada um aprender a sua significação). O tempo impassível marcha sempre, e o Espiritismo, que não é mais uma simples palavra, já não tem que se fazer compreender: é compreendido!... Mas, alguns veteranos espíritas, essas criaturas, esses missionários estão sempre à testa do movimento... Seu pequeno batalhão é muito fraco em número; mas, paciência!... pouco a pouco ganha aderentes, e logo será um exército: o exército dos veteranos do bem! Porque, em geral, em seu começo e em seus primeiros anos, o Espiritismo quase só tocou os corações já consumidos pelos conflitos da vida, os corações que sofreram e pagaram, os que traziam em germe os princípios do belo, do bem, do bom, do grande.

Descendo sucessivamente do velho à idade madura, da idade madura à idade viril e da idade viril à adolescência, o Espiritismo infiltrou-se em todas as idades, como em todos os corações, em todas as religiões, em todas as seitas, em toda parte! A assimilação foi lenta, mas segura!... E hoje não temais que caia essa bandeira espírita, sustentada desde o início por uma mão firme e segura; porque hoje, as jovens falanges dos batalhões espíritas não vociferam, como seus adversários: “Lugar aos jovens.” Não, eles

não dizem: “Saí, velhos, para deixar subirem os jovens.” Eles não pedem senão um lugar no banquete da inteligência, senão o direito de se sentarem ao lado de seus antecessores, trazendo seu óbolo ao grande todo. Hoje, a juventude se viriliza; traz sua contribuição à idade madura, em troca da experiência desta última, em razão da grande lei de reciprocidade e das conseqüências do trabalho coletivo para a Ciência, a moralidade, o bem, porque, em última análise, se a Ciência progride, em benefício de quem progride? Não são os corpos humanos que aproveitam todas as elucidações, todos os problemas resolvidos, todas as invenções realizadas? e isto aproveita a todos, assim como se progredirdes em moralidade, isto aproveita a todos os Espíritos. Hoje, portanto, jovens e velhos são iguais ante o progresso e devem combater lado a lado por sua realização.

O batalhão tornou-se um exército, exército invulnerável, mas que deve combater não um, mas milhares de adversários coligados contra ele. Assim, jovens, trouxe com confiança o entusiasmo de vossas convicções, e vós, velhos, vossa sabedoria, vosso conhecimento dos homens e das coisas, vossa experiência sem ilusões.

O exército está na frente de batalha. Vossos inimigos são numerosos, mas não estão em vossa frente, face a face, peito contra peito; estão em toda parte, ao vosso lado, na frente, atrás, no meio de vós, no próprio seio do vosso coração e, para os combater, não tendes senão vossa boa vontade, vossas consciências leais e vossas tendências ao bem. Desses exércitos coligados, um tem nome: o orgulho; os outros: ignorância, fanatismo, superstição, preguiça, vícios de toda natureza.

E vosso exército, que deve combater de frente, também deve saber lutar em particular, porque não sereis um contra um, mas um contra dez!... Bela vitória a conquistar!... Pois bem!... se combaterdes todos em massa, com a esperança de triunfar, inicialmente combatei contra vós mesmos, dominai as más tendências. Hipócritas, conquistai a sinceridade; preguiçosos,

tornai-vos trabalhadores; orgulhosos, sede humildes, estendei a mão à lealdade vestida com uma blusa em farrapos, e todos, solidariamente, tomai e sustentai o compromisso de fazer a outrem o que gostaríeis que vos fosse feito. Assim, não gritemos: Lugar aos jovens, mas lugar a tudo o que belo, bom, a tudo o que tende a aproximar da Divindade.

Hoje, começa-se a tomar em consideração esse pobre Espiritismo, que diziam natimorto; nele vêem um inimigo sério. E por quê?... Não o temiam em seu começo: a criança era frágil; riam-se de seus esforços impotentes. Mas hoje, que a criança tornou-se homem, temem-no, porque tem a força da idade viril. É que reuniu em torno de si homens de todas as idades, de todas as posições sociais, de todos os graus de inteligência, que compreendem que a sabedoria, a ciência adquirida podem tão bem residir no coração de um jovem de vinte anos quanto no cérebro de um homem de sessenta.

Hoje, portanto, esse pobre Espiritismo é temido; não ousam vir de frente, medir-se com ele; tomam os atalhos, o caminho dos covardes!... Não vêm dizer-lhe à luz do dia: Tu não existes; vêm em meio de seus partidários dizer como eles, fazer como eles, aplaudir a aprovar tudo quanto fazem, quando estão com eles, para os combater e os trair quando estão de costas. Sim, eis o que fazem hoje! No começo diziam de cara o que pensavam da criança mirrada, mas hoje não ousam mais, porque ela cresceu e, contudo, jamais mostrou os dentes.

Se me dizem para vos dizer isto, embora me seja sempre penoso, é que isto tinha a sua utilidade; nada, nem uma palavra, um gesto, uma inflexão de voz se efetuam sem que haja uma razão de ser e que não tragam seu contingente para o equilíbrio geral. A administração dos correios lá do Alto é muito mais inteligente e mais completa que a da vossa Terra; toda palavra vai ao seu objetivo, ao seu endereço, sem sobrescrito, ao passo que entre vós a carta que não o traz não chega nunca.

Observação – Como se vê, a comunicação acima é uma aplicação do que foi dito na precedente, sobre o efeito da faculdade de vidência, e não é a única vez que nos foi dado constatar os serviços que essa faculdade é chamada a prestar. Não significa que seja preciso juntar uma fé cega a tudo quanto pode ser dito em casos semelhantes; haveria tanta imprudência em crer sem reservas no primeiro que aparecesse, quanto desprezar os avisos que podem ser dados por essa via. O grau de confiança que se pode a isso permitir depende das circunstâncias; essa faculdade precisa ser estudada; antes de tudo há que se agir com circunspeção e guardar-se de um julgamento precipitado.

Quanto ao fundo da comunicação, sua coincidência com a que foi dada cinco meses antes, por outro médium, e em outro meio, é um fato digno de nota, e sabemos que instruções análogas são dadas em diferentes centros. É, pois, prudente manter-se em reserva com as pessoas sobre cuja sinceridade não se tem certeza para se ficar edificado. Sem dúvida os espíritos só têm princípios altamente confessáveis; nada têm a ocultar; mas o que têm a temer é ver suas palavras desnaturadas e suas intenções mascaradas; são as armadilhas estendidas à sua boa-fé, por pessoas que defendem o falso para saber a verdade; que, sob as aparências de um zelo muito exagerado para ser sincero, tentam arrastar os grupos por um caminho comprometedor, seja para lhes suscitar embaraços, seja para lançar o descrédito sobre a Doutrina.

A RESPONSABILIDADE MORAL

(Sociedade de Paris, 9 de julho de 1867 – Médium: Sr. Nivard)

Assisto a todas as tuas conversas mentais, mas sem as dirigir; teus pensamentos são emitidos em minha presença, mas eu não os provooco. É o pressentimento dos casos, que têm alguma chance de se apresentar, que faz nascer em ti os pensamentos adequados à resolução das dificuldades que poderiam te suscitar. Aí está o livre-arbítrio; é o exercício do Espírito encarnado, tentando resolver problemas que suscita em si mesmo.

Com efeito, se os homens só tivessem as idéias que os Espíritos lhes inspiram, teriam pouca responsabilidade e pouco mérito; só teriam a responsabilidade de haver escutado maus conselhos, ou o mérito de ter seguido os bons. Ora, esta responsabilidade e este mérito evidentemente seriam menores do que se fossem o inteiro resultado do livre-arbítrio, isto é, de atos realizados na plenitude do exercício das faculdades do Espírito, que, neste caso, age sem qualquer solitação.

Resulta do que digo que muitas vezes os homens têm pensamentos que lhes são essencialmente próprios, e que os cálculos a que se entregam, os raciocínios que fazem, as conclusões a que chegam são o resultado do exercício intelectual, do mesmo modo que o trabalho manual é o resultado do exercício corporal. Daí não se deveria concluir que o homem não fosse assistido em seus pensamentos e em seus atos pelos Espíritos que o cercam; muito ao contrário; os Espíritos, sejam benevolentes, sejam malévolos, muitas vezes são a causa provocadora dos vossos atos e pensamentos; mas ignorais completamente em que circunstâncias se produz essa influência, de sorte que, agindo, pensais fazê-lo em virtude de vosso próprio movimento: vosso livre-arbítrio fica intacto; não há diferença entre os atos que realizais sem serdes a eles impelidos, e os que realizais sob a influência dos Espíritos, senão no grau do mérito ou da responsabilidade.

Num e noutro caso, a responsabilidade e o mérito existem, mas, repito, não existem no mesmo grau. Creio que esse princípio que enuncio não precisa de demonstração; para o provar, basta-me-á fazer uma comparação no que existe entre vós.

Se um homem cometeu um crime, e o fez seduzido pelos conselhos perigosos de outro homem que sobre ele exerce muita influência, a justiça humana saberá reconhecê-lo, concedendo-lhe o benefício das circunstâncias atenuantes; irá mais longe: punirá o homem cujos conselhos perniciosos provocaram o crime e, mesmo sem haver contribuído de outra maneira, este

homem será mais severamente punido do que o que foi o instrumento, porque foi seu pensamento que concebeu o crime, e sua influência sobre um ser mais fraco que o fez executar. Pois bem! se assim fazem os homens, diminuindo a responsabilidade do criminoso e a partilhando com o infame que o impeliu a cometer o crime, como quereríeis que Deus, que é a justiça mesma, não fizesse o mesmo, já que vossa razão vos diz que é justo agir assim?

No que concerne ao mérito das boas ações, que eu disse ser menor se o homem tiver sido solicitado a praticá-las, é a contrapartida do que acabo de dizer a respeito da responsabilidade, e pode demonstrar-se invertendo a proposição.

Assim, pois, quando te acontece refletir e passar tuas idéias de um a outro assunto; quando discutes mentalmente sobre os fatos que prevês ou que já se realizaram; quando analisas, quando raciocinas e quando julgas, não crês que sejam Espíritos que te ditam teus pensamentos ou que te dirigem; eles lá estão, perto de ti, e te escutam; vêm com prazer esse exercício intelectual, ao qual te entregas; seu prazer é duplo, quando vêm que tuas conclusões são conforme à verdade.

Por vezes lhes acontece, evidentemente, que se misturem nesse exercício, quer para o facilitar, quer para dar ao Espírito alguns alimentos, ou lhe criar algumas dificuldades, a fim de tornar esta ginástica intelectual mais proveitosa a quem a pratica. Mas, em geral, o homem que busca, quando entregue às suas reflexões, quase sempre age só, sob o olhar vigilante de seu Espírito protetor, que intervém se o caso for bastante grave para tornar necessária a sua intervenção.

Teu pai, que vela por ti, e que está contente por te ver quase restabelecido. (O médium saía de uma grave moléstia).

Louis Nivard

Reclamação ao Jornal *La Marionnette*

La Marionnette, novo jornal de Lyon, havia publicado o artigo seguinte em seu número de 30 de junho último:

“Assinalamos a chegada a Lyon do museu antropológico e etnológico do Sr. A. Neger, sucessor do Sr. Th. Petersen.

“Entre outras coisas extraordinárias, vêem-se nesse museu de cera:

1º – uma infortunada princesa da costa de Coromandel que, casada com um grande chefe de tribo, cometeu a infâmia de esquecer seus deveres conjugais com um europeu muito sedutor, e morreu em Londres de uma doença de languidez;

2º – triquinas vinte vezes maiores do que o natural, em todas as fases de sua existência, desde a mais tenra infância até a mais extrema velhice;

3º – a célebre mexicana *Julia Pastrana*, morta de parto em Moscou, *no ano da graça* de 1860.

“Não é sem legítima admiração que soubemos dessa morte prematura, considerando-se que em 1865 Julia Pastrana entregava-se a exercícios equestres num circo cujas representações se davam no passeio Napoleão.

“Como uma mulher morta em 1860 pôde atravessar círculos de papel em 1865? Isto faz sonhar!”

Allan Kardec

Como esse número nos foi enviado, dirigimos ao diretor a seguinte reclamação:

Senhor,

Remeteram-me o número 6 do vosso jornal, onde se encontra um artigo assinado: *Allan Kardec*. Penso não ter homônimo; em todo o caso, como só respondo pelo que escrevo, peço-vos a gentileza de inserir a presente carta no vosso próximo número, a fim de informar aos vossos leitores que o Sr. Allan Kardec, autor de *O Livro dos Espíritos*, é estranho ao artigo que leva o seu nome e que não autoriza ninguém a dele se servir.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

Allan Kardec

O diretor do jornal imediatamente nos respondeu o seguinte:

Senhor,

Nosso amigo Acariâtre, autor do artigo assinado por engano com o vosso nome, já se lamentou do descuido do revisor. Eis a frase: *Isto faz sonbar Allan Kardec*, alusão ao Espiritismo. Os embelezamentos de Lyon são todos assinados por *Acariâtre*. Em nosso próximo número retificaremos este engano.

Recebei, senhor, minhas atenciosas saudações.

E. B. Labaume

Nota – Este jornal sai aos domingos; 5, cours Lafayette, Lyon.

Allan Kardec

